

## As faculdades em Kant: onde a filosofia transcendental supera a psicologia empírica

[The Faculties in Kant: where Transcendental Philosophy overcomes Empirical Psychology]

Maria de Lourdes Borges<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis, Brasil)

### As Lições de Metafísica e psicologia dos anos 70

A referência a três faculdades da mente (ou ânimo)<sup>2</sup> é um aspecto importante das *Lições sobre Metafísica* e das *Lições sobre Antropologia*, ministradas por Kant desde os anos 1770, nas quais o filósofo expunha a divisão entre a faculdade de conhecer, a faculdade de sentir prazer e desprazer e a faculdade de desejar.

Na parte dedicada à psicologia das *Lições sobre Metafísica* que foram agrupadas em *Metaphysik L1*, datadas dos anos 70, Kant apresenta-nos as três faculdades (V-Met/Heinze, AA 28: 228-229): faculdade de conhecer, de desejar e a faculdade de prazer e desprazer. Nessa exposição, cada faculdade admite a divisão entre inferior e superior, que se relaciona ao fato do eu ser passivo ou ativo em relação às representações, desejos ou sentimentos de prazer e desprazer.

A faculdade de representação é denominada de faculdade de conhecer. A faculdade de conhecer inferior é o poder de ter representações na medida em que somos afetados por objetos; a superior é o poder de ter representações a partir de nós mesmos. (V-Met/Heinze, AA 28: 228). De forma análoga, a faculdade de desejar é inferior quando se deseja algo na medida em que somos afetados pelos objetos, sendo

---

<sup>1</sup> E-mail: mariaborges@yahoo.com.

<sup>2</sup> O termo utilizado por Kant é *Gemüt*, seguido muitas vezes pelo termo latino *Animus*. Traduzirei o termo aqui por **mente**, mas gostaria de mencionar a tradução de Valério Rohden, qual seja, **ânimo**, que seria igualmente aceitável. Ver Kant, *Crítica da Faculdade do Juízo*, tradução Valério Rohden, (Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1993), p. 48, nota 20.

superior quando se deseja algo independentemente de objetos externos; a faculdade de prazer e desprazer inferior é quando sentimos satisfação ou insatisfação com objetos que nos afetam, a superior quando sentimos prazer e desprazer independente de objetos. A sensibilidade seria a marca das faculdades inferiores, enquanto a intelectualidade é a marca das faculdades superiores:

Sensitividade é a condição dos objetos para conhecer algo na medida em que se é afetado por objetos - Mas intelectualidade é a faculdade de representação, de desejos, ou de sentimentos de prazer e desprazer, na medida em que se é totalmente independente dos objetos. (V-Met/Heinze, AA 28: 229)

De acordo com Frierson (FRIERSON 2014, p. 53), Kant segue, nas suas *Lições sobre Metafísica*, a psicologia da época, que era centralmente uma psicologia de faculdades. Kant se afastaria, contudo, de uma distinção bipartite entre faculdade cognitiva e apetitiva partilhada com Wolff e grande parte dos seus críticos. Ele utiliza, contudo, o texto *Metaphysica* de Baumgarten, um seguidor de Wolf, nas suas preleções sobre metafísica e sobre antropologia.

No texto “Elucidation of the sources of Kant’s Anthropology” Holly Wilson comenta que, nas suas lições sobre antropologia, Kant utiliza como livro texto as passagens sobre psicologia empírica do texto *Metaphysica* de Baumgarten e segue a ordem de exposição desse livro, ainda que nem todos os conteúdos ministrados nessas lições pudessem ser encontrados aí (WILSON, 2018, p.16 ).

Na *Metaphysica* (1739) de Baumgarten, a exposição da psicologia empírica se divide numa faculdade cognitiva e uma faculdade apetitiva. Kant se distancia em parte dessa concepção para adotar uma divisão tripartite, das faculdades de cognição, sentimento e desejo, na qual cada uma possui vários poderes distintos, nenhum dos quais é redutível ao outro. A faculdade de sentir prazer e desprazer é distinta da faculdade de conhecer, visto que o sentir não é um conhecimento confuso; ela deveria ser também distinta da faculdade de desejar, pois prazeres estéticos, por exemplo, não envolvem a faculdade de desejar. Baumgarten, ainda que admitindo, como Wolff, uma divisão bipartite, situa o prazer e desprazer dentro da faculdade apetitiva. O que Kant irá transformar essa sub-faculdade numa faculdade independente da faculdade de conhecer e da faculdade de desejar, chegando assim a uma divisão tripartite.

As *Lições* dos anos 80 continuam mantendo essa divisão tripartite entre as faculdades. Nas *Lições sobre Antropologia/ Mrongovius* (semestre de inverno 1784, 1785), nos é apresentado uma sessão sobre prazer e desprazer (V-Anth/ Mron, 25: 1316), e um capítulo dedicado à faculdade de desejar (V-Anth/ Mron, 25: 1334). Ainda que não haja propriamente aqui uma faculdade de prazer e desprazer, seu conteúdo já se apresenta como separado de uma faculdade do desejar. Assim, Mrongovius explica que os tipos de prazer e desprazer são sensibilidade, sentimento

e afeto, enquanto a faculdade de desejar se divide em propensão, instinto, inclinação e paixão. (V-Anth/ Mron, AA 25: 1339).

A referência a tal divisão aparece mais claramente nas *Lições de Ética* anotadas por Mrongovius no semestre de inverno de 84-85:

A faculdade de conhecimento, do sentimento de prazer e desprazer e a faculdade do desejo são as três faculdades da alma humana. Em todas elas, entram em jogo entendimento e sensibilidade. Se o entendimento está presente, então as seguintes ciências são possíveis: (1) lógica, em relação ao entendimento; (2) estética, o sentimento de prazer e desprazer no entendimento, que é o gosto, (3) filosofia prática, a faculdade de desejar em relação ao entendimento (V-Mo/Mron II, AA 29: 597).

Nota-se, então, analisando as lições dos anos 80, que há uma consolidação da ideia de que a mente teria três faculdades. Contudo, essa divisão da mente se desvanece na *Crítica da Razão Pura*.

### **A Crítica da Razão Pura e a ênfase nas faculdades de conhecer**

Ainda que as *Lições de ética* e as *Lições sobre Antropologia*, anotadas por Mrongovius, referentes aos semestres de 84 e 85, sejam ministradas numa época próxima à publicação da *Crítica da Razão Pura*, essa divisão não aparece claramente na primeira Crítica, que privilegia a busca de princípios a priori, ao invés de uma explanação sobre as três faculdades da mente.

Há um silêncio sobre essa tripartição e uma ênfase ao que poderíamos denominar de sub-faculdades da faculdade de conhecer, quais sejam, sensibilidade, imaginação entendimento, juízo e razão.

Na *Crítica da Razão Pura*, no início da *Analítica do Princípios*, Kant relaciona o plano da Lógica com as subdivisões da faculdade de conhecer superiores:

A lógica geral está construída sobre um plano que concorda exatamente com a divisão das faculdades superiores do conhecimento (*obere Erkenntnisvermogen*). Estas são: *entendimento*, *capacidade de julgar* (*Urteilkraft*) e *razão*. Na sua analítica, aquela doutrina trata, por conseguinte, de *conceitos*, *juízos* (*Urteilen*) e *inferências* precisamente conforme às funções e à ordem daquelas capacidades da mente que se compreendem sob a denominação vaga de entendimento em geral. (KrV, B 169)

A analítica transcendental trata do uso objetivamente válido do entendimento e da capacidade de julgar; a dialética transcendental tratará das pretensões da razão.

Vê-se aqui que a divisão da lógica transcendental em analítica e dialética se relaciona com as três subdivisões da faculdade de conhecer superior: a analítica trataria do entendimento em geral, enquanto a razão teria seu lugar na dialética. Não

será objeto dessa crítica a faculdade de desejar, o que poderia ser compreensível, pois aqui ainda não se trata da razão prática. Contudo, a sensibilidade aparece aí, mas sempre como uma faculdade de conhecer inferior, não como fazendo parte de uma outra faculdade, o que seria o caso da faculdade de prazer e desprazer.

Julian Wuerth, no livro *Kant on Mind, Action and Ethics*, nos alerta para a ausência da consideração das faculdades de prazer e desprazer, bem como de desejar, na análise de comentadores sobre o sistema kantiano (WUERTH, 2014, p. 198). Ainda que esses autores ressaltem a importância da compreensão da análise das faculdades, acabam por reconhecer, como faculdades da mente, apenas as sub-faculdades do conhecer.

Wuerth refere-se aqui a várias obras que foram referência no estudo da estrutura da mente em Kant, tais como as de Waxman, Susan Neiman e Patricia Kitcher<sup>3</sup>, entre outros. Nelas, pouco ou nada é dito sobre as outras duas faculdades, além da faculdade de conhecer, nem sobre a interrelação entre essa e aquelas. O próprio Wuerth admite que essa ausência deriva em parte da pretensão dessas obras, cujo objetivo principal é analisar questões relativas ao conhecimento e aos limites desse.

Considero que parte da responsabilidade desse silêncio seria da própria *Crítica da Razão Pura*. Se essa é a obra da filosofia crítica por excelência, por que não há aí uma análise das três faculdades? Uma primeira resposta seria pensar que as outras faculdades apenas possuem alguma relevância quando examinamos o domínio da ação ou do gosto.

No livro *Kant and the faculty of feeling*, Diana Williamson afirma que, ainda que Kant adote na sua filosofia pré-crítica a tripartição das faculdades, o que inclui uma faculdade de prazer e desprazer, essa faculdade desaparece nas suas duas primeiras Críticas:

Ainda que Kant discuta os sentimentos no seu período pré-crítico, como nas *Observações sobre o sentimento de Belo e do Sublime*, a primeira e segunda crítica omitem qualquer referência ao sentimento como uma faculdade separada. Além disso, a primeira e segunda crítica explicam sua diferença em termos de razão prática e teórica, implicando que é necessário existir apenas duas Críticas. Kant escreveu uma terceira Crítica e, nessa obra, o sentimento é sua própria faculdade, que merece sua própria Crítica. Talvez devido a essa mudança na filosofia kantiana, há infelizmente uma falta de atenção dos *scholars* frente à faculdade de sentir. (SORENSEN; WILLIAMSON, 2018, p. x)

---

<sup>3</sup> Julian Wuerth refere-se aos textos de comentadores que foram referência no estudo da *Crítica da Razão Pura*: Waxman (*Kant's Model of the Mind*, 1991), Susan Neiman (*The Unity of Reason*, 1997); Kitcher (*Kant's Transcendental Psychology*, 1990)

Na *Crítica da Razão Pura*, as outras faculdades da mente não são mencionadas, talvez porque o propósito seja apenas investigar as condições de possibilidade do próprio conhecimento. Tal não significa que as faculdades são refutadas, mas elas ficam em segundo plano como parte de uma psicologia empírica que é mantida em suspenso.

A primeira Crítica é uma clara refutação da *Metafísica* de Baumgarten, sendo que a dialética transcendental segue a divisão que esse autor faz da metafísica em cosmologia, psicologia e teologia. Assim, a psicologia racional é refutada nos paralogismos; entretanto, a psicologia empírica permanece:

“Todavia, de acordo com o uso da escolástica, devemos conceder ainda a ela (a psicologia empírica) um pequeno espaço na metafísica, (mas somente como episódio), e isto por motivos de economia, porque ainda não é tão rica para constituir isoladamente um estudo e todavia é demasiado importante para que se possa repelir inteiramente ou ligá-la a outra matéria, com a qual tivesse ainda menos parentesco do que com a metafísica. (KrV, B 876/7).”

### **O desaparecimento do discurso das faculdades na *Crítica da Razão Prática***

A referência às três faculdades da mente também não aparece na segunda *Crítica*. Teria o discurso das faculdades da mente desaparecido por completo, deixando lugar apenas para as sub-faculdades de conhecer? Teria o sujeito transcendental superado aquele resquício da psicologia empírica que ainda permanecia na primeira *Crítica*? Uma leitura mais atenta do texto encontrará uma nota que explica esse aparente desaparecimento:

“Poder-se-ia ainda replicar-me porque também não elucidei antes o conceito de faculdade de apetição ou de sentimento de prazer; se bem que esta objeção seria injusta, porque tal elucidação, do modo como é fornecida na psicologia, justamente deveria ser pressuposta. Mas certamente aí mesmo a definição poderia ser estabelecida de modo tal que o sentimento de prazer fosse colocado como fundamento de determinação da faculdade de apetição (como também efetiva e geralmente costuma acontecer), pelo que porém o princípio supremo da filosofia prática necessariamente teria de acabar sendo empírico, o que contudo tem de ser decidido em primeiro lugar e é refutado completamente nessa crítica (KpV, AA 5:9n).”

Kant afirma nessa nota que as faculdades deveriam ser pressupostas pelo leitor já acostumado com a psicologia, referindo-se provavelmente à psicologia empírica de Baumgarten e Wolff, não negando, portanto, a aceitação dessas faculdades enquanto elementos úteis para a compreensão da ação. Esclarece, contudo, que se ele tivesse feito referência a essas faculdades, seria compreendido que o sentimento

de prazer é o fundamento da faculdade de desejar, o que é exatamente o objeto da refutação pretendida na *Crítica da Razão Prática*.

Ao leitor que inicia a leitura da segunda Crítica, fica a dúvida: o discurso das faculdades seria uma forma provisória de falar sobre o domínio prático, o qual deveria ser substituído e superado, na medida da refutação pretendida? Segundo essa nota de advertência, tal não é o caso, pois a faculdade de desejar e o sentimento de prazer fariam parte de um pano de fundo não explícito da psicologia das faculdades. O que Kant contesta de seus predecessores é que a faculdade de sentir prazer e desprazer seja sempre o fundamento de determinação da faculdade de desejar.

### **O resgate das faculdades na terceira *Crítica***

Se na primeira e segunda Críticas, as faculdades de desejar e de sentir praticamente desaparecem, na terceira Crítica, Kant claramente assume a divisão das faculdades da mente como parte de sua filosofia transcendental. Na *Primeira Introdução da Crítica do Juízo*, de 1789, Kant afirma na sentença inicial da divisão “Sobre o sistema de todas as faculdades da mente humana”: Podemos reduzir as faculdades da mente (*Gemüth*) a três: a faculdade de conhecer, o sentimento de prazer e desprazer e a faculdade de desejar (EEKU AA 20:206)”. Nessa primeira introdução à KU, é relacionada a faculdade de conhecer com os princípios do entendimento puro e a faculdade de desejar com o conceito de liberdade da razão pura. E a essas duas é adicionada uma terceira, uma faculdade de receptividade, relacionada ao sentimento de prazer e desprazer:

Aqui a faculdade de conhecer (*Erkenntnißvermögen*) de acordo com conceitos tem seus princípios a priori no puro entendimento (no seu conceito de natureza), a faculdade de desejar (*Begehrungsvermögen*), na razão pura (no seu conceito de liberdade), e ainda resta nas propriedades da mente em geral, uma faculdade intermediária de receptividade, chamada de sentimento de prazer e desprazer (EEKU, AA 20: 207-208).

Kant relaciona as faculdades da mente com as faculdades de conhecer superiores: a faculdade de conhecer corresponde ao entendimento; a faculdade de prazer e desprazer ao juízo e a faculdade de desejar à Razão: “Encontra-se que o entendimento contém princípios próprios a priori para a faculdade de conhecer, o juízo somente para o sentimento de prazer e desprazer, e a razão meramente para a faculdade de desejar”. (EEKU, XI)

Qual a razão para a retomada de uma terceira faculdade na terceira crítica, após o silêncio da primeira e segunda críticas? Na carta de Kant a Carl Leonard Reinhold, um divulgador de filosofia kantiana da época, datada de 28 de dezembro de 1787, também nos é descrita a divisão entre essas três faculdades, além de sua

relação com as três *Críticas*. Kant nos fala aqui da preparação de uma terceira *Crítica* e da divisão das *Críticas* conforme os princípios a priori das três faculdades:

Estou trabalhando no momento numa *Crítica* do Gosto e descobri um novo tipo de princípios a priori, diferente dos examinados anteriormente. Pois existem três faculdades da mente: a faculdade de conhecer, a faculdade de sentir prazer e desprazer e a faculdade de desejar. Na *Crítica da Razão Pura*, eu encontrei princípios a priori para a primeira delas; na *Crítica da Razão Prática*, princípios a priori para a terceira. Tentei encontrá-los para a segunda também e, ainda que eu pensasse ser impossível encontrar tais princípios, a análise das faculdades da mente mencionadas permitiram-me descobrir uma sistematicidade, me dando um amplo material sobre o qual me maravilhar e, se possível explorá-lo, um material suficiente para o resto de minha existência. (Br, AA 10: 514-5)

A carta parece indicar que Kant procurava princípios a priori para a faculdade de prazer e desprazer, só tendo encontrado tardiamente. Assim, ele manteve a tripartição das faculdades durante todo o decorrer de suas *Lições sobre Antropologia*, ainda que não falasse sobre essa mesma divisão nas *Críticas*. Conforme ressalta Frierson:

Kant passou a ver o sentimento como capaz de uma investigação transcendental e a priori. Kant percebia os prazeres que seres humanos têm no sentimento de agradável – comida, sexo, reputação – como enraizados empiricamente e incapazes de uma investigação a priori. Mas, à medida em que continuava a estudar estética, ele passou a ver que juízos sobre o belo eram ao mesmo tempo subjetivos porque enraizados no sentimento, mas também universais e normativos”. (FRIERSON, 2013, p. 32, 33)

Frierson indica uma possível razão para que a faculdade de sentir prazer e desprazer, e com ela toda a estrutura das faculdades, não aparecesse nas duas *Críticas*. Sendo a faculdade de prazer e desprazer ligada a elementos empíricos, não parecia possível que sentimentos pudessem ter alguma relação com a busca de juízos a priori. O que Kant anuncia a Reinhold é a descoberta de juízos a priori ligados ao sentimento na sua *Crítica* do gosto, concluindo assim por uma tripartição das *Críticas* que corresponda a uma tripartição das faculdades.

### **Relação entre as três faculdades: *Ignoti nulla cupido***

Um importante aspecto da taxonomia kantiana das faculdades é determinar como elas se relacionam entre si. Na *Metaphysik LI* nos é apresentada a prioridade da faculdade de conhecer em relação às outras duas:

Todo prazer e desprazer pressupõem o conhecimento de objetos, seja o conhecimento da sensação ou da intuição, ou de conceitos; e assim como se diz não há desejo pelo desconhecido (*ignoti nulla cupido*), pode-se também dizer não existe satisfação no desconhecido (*ignoti nulla complacentia*). (V-Met/Heinze, AA 28:246).

Nós só podemos desejar o que conhecemos, ou seja, a faculdade de conhecer é primeira em relação à faculdade de desejar; não podemos sentir prazer e desprazer sem conhecer o objeto, logo a faculdade de sentir prazer e desprazer seria secundária em relação à faculdade cognitiva.

A faculdade de desejar, por sua vez, depende da faculdade de sentir prazer e desprazer. Conforme podemos ver na *Metaphysik Mrongovius*:

Nós temos prazer e desprazer sem desejar, por exemplo, quando vemos uma bela área, e ela nos encanta, mas não queremos possuí-la por essa razão. Prazer e desprazer é algo totalmente diferente da faculdade de desejar. Mas, por outro lado, não podemos desejar nada que não esteja baseado no prazer ou desprazer. Pois o que não me dá prazer, eu também não desejo. Logo, prazer e desprazer precedem o desejo. (V-Met/Mron, AA 29: 877).

As preleções sobre Metafísica anotadas por Mrongovius referem-se aos semestres de 82/83. A ideia de que o desejar sempre é posterior ao prazer e desprazer se modificará no decorrer da obra kantiana, apresentando ao menos uma situação na qual o prazer ou desprazer sucedem o desejar, qual seja, a ação moral. Essa compreensão decorre da concepção de que a faculdade de desejar não se refere apenas ao desejo do objeto, mas é uma força motriz da ação humana. Conforme lemos nas *Lições sobre Antropologia, Friedlander*: “o desejo é a satisfação com a realidade do objeto. Não podemos explicá-lo exatamente, contudo, na medida em que ele pertence à Antropologia, é esse aspecto do ser pensante que é a força motriz no mundo físico. É o poder ativo de autodeterminação das ações do ser pensante” (V-Anth/ Fried, AA 25: 577).

Kant atribuiria ao desejo um papel indispensável na autodeterminação da ação humana. Mas esse desejo deveria ser sempre posterior ao sentimento de prazer e desprazer? Qual a relação de sucessão entre o desejar, a ação e o sentimento de prazer e desprazer? Ainda que, na maioria dos casos de ação humana, o prazer realmente preceda o desejo, há outros em que o prazer pode ser um efeito do desejo. As ações morais fariam parte desse último grupo, ao menos se considerarmos o sentimento moral, tal como Kant o define na *Metafísica dos Costumes*: um prazer ou desprazer oriundo do fato de que suas ações estão ou não em conformidade ao dever.



Conforme lemos nesse texto, o sentimento moral é posterior ao desejar, sendo definido como “a suscetibilidade a sentir prazer ou desprazer meramente do fato de ser consciente de que nossas ações são consistentes ou são contrárias à lei do dever” (MS, AA 6: 399).

### **Entre o transcendental e a psicologia empírica: uma rica e coerente tessitura bordada no tempo**

Acompanhando o desenvolvimento da filosofia kantiana nas suas obras publicadas e nas *Vorlesungen*, podemos ver que ela parte de uma psicologia empírica de faculdades. Nas duas primeiras Críticas, contudo, esse discurso fica oculto, ainda que continue ativo nas *Lições sobre Metafísica e sobre Antropologia*. De certa forma, a tripartição das faculdades da mente nunca foi abandonada, apenas, por um período de tempo, ela não se relaciona diretamente com a busca de princípios a priori. Nos anos 90, a partir da concepção da *Crítica do Juízo*, esses dois aspectos da filosofia kantiana se encontram e o discurso das faculdades passa a ocupar um lugar de destaque na filosofia crítica.

Alguns autores, como Frierson, vêem na permanência da tripartição da mente, entre outros aspectos, uma prova de que a psicologia empírica permanece em toda a obra de Kant. Minha diferença com Frierson (FRIERSON, 2014, p. 46) é que eu entendo que aquilo que era objeto da psicologia empírica transforma-se aos poucos numa antropologia prática. As lições sobre antropologia se originam numa psicologia empírica, mas, à medida em que Kant não encontra um lugar para ela na sua metafísica, decide por tornar a antropologia uma disciplina independente <sup>4</sup>.

Podemos traçar um histórico dessa transformação da psicologia empírica numa antropologia a partir dos anos 70. Se examinarmos as *Lições da Antropologia* de 72/73 (Anth, AA 25:8), não há uma divisão clara entre antropologia e psicologia empírica; contudo nas *Lições de Antropologia* de 80 (Anth, AA 25: 243) e na *Crítica da Razão Pura*, a psicologia empírica acaba sendo incorporada como parte de uma antropologia. Na *Crítica da Razão Pura*, Kant assim se manifesta sobre o destino provável de uma psicologia empírica, tão logo pudesse abandonar seu refúgio provisório: “Ela (a psicologia empírica) é apenas uma estrangeira há muita aceita, a qual se garante refúgio até que ela possa ser aceita numa antropologia completa” (KrV, A 849, B 877).

---

<sup>4</sup> Sigo, nessa tese, a posição de Holly Wilson (WILSON, 2018, p 14), já defendida anteriormente também por Reinardt Brandt.(BRANDT; STARK, 2007)

O discurso sobre uma psicologia empírica acaba dando lugar a uma antropologia prática. É isso que constatamos, por exemplo, na *Fundamentação da Metafísica do Costumes* (GMS, AA 4:388) quando Kant afirma que a ética, a exemplo da física, também possui uma parte empírica e outra racional. Contudo, a parte empírica da ética não é uma psicologia empírica, mas uma antropologia prática. Essa afirmação é corroborada pelas anotações de Mrongovius sobre as *Lições de Ética* ministradas em 1785:

A metafísica dos costumes ou *metaphysica pura* é apenas a primeira parte da moral- a segunda parte é *philosophia moralis applicata*, antropologia moral, a qual pertencem os princípios empíricos. É exatamente como na metafísica e na física. A moral não pode ser construída sob princípios empíricos, pois isto acarreta uma necessidade, não absoluta, mas condicional. (...) *Moralia pura* é baseada em leis necessárias, portanto, não pode ser fundada sobre a constituição particular do ser humano. A constituição particular do ser humano, e as leis nela baseadas, tornam-se importantes na Antropologia moral, sob o nome de ética” (*Moral Mrongovius* II AA 29:599)

Em meados dos anos 80, portanto, podemos constatar um abandono progressivo do termo psicologia empírica. As faculdades, que eram objeto dessa disciplina desde as aulas de metafísica ministradas segundo o texto de Baumgarten, passam a fazer parte de uma antropologia, que mais tarde receberá a alcunha de antropologia pragmática.

## Referências Bibliográficas

- BRANDT, R.; STARK, W. “Einleitung”. In: Kant, *Vorlesungen über Anthropologie*. Ak 25; 1 e 2. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.
- FRIERSON, P. *Kant's empirical psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014
- FRIERSON, P. *What is the human being?* New York: Routledge, 2013.
- KANT, I. *Gesammelte Schriften*. Hrsg: Bd. 1-22 Preussische Akademie der Wissenschaften, Bd. 23 Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, ab Bd 24 Akademie der Wissenschaften zu Gottingen. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1900-)
- SORENSEN, K.; WILLIAMSON, D. (org.). *Kant and the Faculty of Feeling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- WILSON, H. “Elucidation of the sources of Kant’s Anthropology”. In: GUALTIERO, LOUDEN. *Knowledge, Moral, and Practice in Kant’s Anthropology*. Londres: Palgrave Macmillian, 2018.
- WUERTH, J. *Kant on Mind, Action, and Ethics*. Oxford: Oxford University Press, 2014
- WOLFF, C. “Reasonable Thoughts About the Actions of Men, for the Promotion of Happiness”. In *Moral Philosophy from Montaigne to Kant*. SCHNEEWIND, Jerome (Ed). Cambridge University Press, 2003.

**Resumo:** Nesse artigo, pretendo analisar as faculdades da mente em Kant. Seguiremos o trajeto das obras kantianas, desde as *Lições sobre Metafísica* e as *Lições sobre Antropologia* ministradas nos anos 70 e 80, comparando-as com as três *Críticas*. Tomando como fio condutor os textos acima mencionados, procederei à análise da obra kantiana, em busca de elementos que nos permitam elaborar um mapeamento das faculdades da mente em Kant. Esse mapeamento nos parece interessante, pois ele irá mostrar a refinada e complexa relação entre a filosofia transcendental kantiana, sua busca por princípios a priori, e sua antropologia prática, que inclui elementos da psicologia empírica

**Palavras-chave:** faculdades da mente, psicologia, metafísica, prazer, desejo, antropologia.

**Abstract:** In this article, I analyze the mind faculties in Kant. I explore mainly the *Lessons on Metaphysics* and *Lessons on Anthropology*, comparing them to the three Critiques, trying to build a map of faculties and its development from the 70's to the 90's. The map will show the refined and complex relation between transcendental philosophy and pragmatic anthropology, which incorporate elements of the former empirical psychology.

**Keywords:** mind faculties, psychology, metaphysics, pleasure, desire, anthropology.

Recebido em: 04/2020

Aprovado em: 06/2020